

## **GAL GADOT SOBRE A “NOVA” CLEÓPATRA: NOTAS SOBRE EMBRANQUECIMENTO<sup>1</sup>, IDENTIDADES CULTURAIS E LIBERALISMO**

*GAL GADOT ABOUT THE “NEW” CLEOPATRA: NOTES ABOUT WHITEWASHING,*

*CULTURAL IDENTITIES AND LIBERALISM*

*GAL GADOT SOBRE LA “NUEVA” CLEOPATRA: NOTAS SOBRE BLANQUEAMIENTO,*

*IDENTIDADES CULTURALES Y LIBERALISMO*

**ELISSON LIMA SANTOS<sup>1</sup>**

**FERNANDA AMORIM ACCORSI<sup>2</sup>**

Submissão: 17/02/2022

Aprovação: 05/03/2022

Publicação: 30/05/2022

---

<sup>1</sup> Graduado em Licenciatura em Química e mestrando no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática (PPGECIMA/UFS). Integrante do grupo de Pesquisas e Estudos em Práticas Educativas, Corpo e Ambiente (PEPECA/DEDI/UFS).

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0001-6285-0535> E-mail: [1999elissonlima@gmail.com](mailto:1999elissonlima@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Mestra em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Especialista em Comunicação e Educação pela Faculdade Cidade Verde (FCV). Pedagoga pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Jornalista pelo Centro de Ensino Superior do Paraná. Professora Adjunta da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Coordenadora do grupo de Pesquisas e Estudos em Práticas Educativas, Corpo e Ambiente (PEPECA/DEDI/UFS).

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0001-6500-094X> E-mail: [accorsifer@gmail.com](mailto:accorsifer@gmail.com)

---

<sup>1</sup> Antes de adentrar no contexto deste escrito, queremos trazer algumas palavras de explicação ao termo *embranquecimento* situado na segunda linha do título. A questão é que o usamos como forma traduzida do termo em inglês *whitewashing*, o qual pode ter como tradução o nome que empregamos ou branco-lavar. Portanto, nestas notas, fizemos a opção de trabalhar com a nomenclatura que é vista no título por acreditarmos que torna a leitura do texto mais fluída.

## RESUMO

O artigo trata do contínuo processo de embranquecimento de Cleópatra que (res)surgiu a partir da escalção da atriz israelense Gal Gadot para personificá-la em um novo projeto audiovisual. Como objetivos, temos: (i) Analisar se a escolha da Gal Gadot para interpretar Cleópatra recai no processo de embranquecimento da figura histórica; (ii) Investigar a formação ideológica da Gal Gadot acerca da(s) história(s) e da(s) identidade(s) cultural(is) de Cleópatra e (iii) Refletir sobre o caráter liberal nos discursos da Gal Gadot acerca do novo filme que retratará a vida de Cleópatra. A metodologia é qualitativa e os discursos da atriz foram analisados por meio da Análise de Discurso de Orlandi (2020). A partir dos discursos, notamos que sua escalção recai no processo de embranquecimento de Cleópatra, visto que ela se localiza nos modelos da branquitude. Ademais, a atriz possui um alinhamento com a lógica do Liberalismo, favorecendo a ordem hegemônica estrutural.

**Palavras-chave:** Figura Histórica. Branquitude. Caráter Liberal.

## ABSTRACT

This article is about the Cleopatra's whitewashing continuous process that (re)surfaced because the casting of the Israeli actress Gal Gadot to play her in a new audiovisual project. Our objectives are: (i) Analyse if the Gal Gadot's casting to play Cleopatra is historical figure's whitewashing process; (ii) Investigate the Gal Gadot's ideological formation about the Cleopatra's history(ies) and cultural identity(ies) and (iii) Think about the liberal character in the Gal Gadot's speeches about the Cleopatra life's new movie. The methodology is qualitative and the actress' interviews speeches was analysed by Speech Analysis of Orlandi (2020). From the Gal Gadot's speeches, we noticed that her casting is a Cleopatra's whitewashing process, once she locates in whiteness model. Furthermore, the actress has approached of Liberalism's logic, supporting the structural hegemonic order.

**Keywords:** Historical Figure. Whiteness. Liberal Character.

## RESUMEN

El artículo trata del proceso continuo de blanqueamiento de Cleopatra que (re)surgió desde lo casting de la actriz israelí Gal Gadot para interpretarla en un nuevo proyecto audiovisual. Cómo objetivos, tenemos: (i) Analizar si la elección de Gal Gadot para interpretar a Cleopatra se inscribe en el proceso de blanqueamiento de la figura histórica; (ii) Investigar la formación ideológica de Gal Gadot sobre la(s) historia(s) y la(s) identidad(es) cultural(es) de Cleopatra

y (iii) Reflexionar sobre el carácter liberal en los discursos de Gal Gadot acerca de la nueva película sobre Cleopatra. La metodología es cualitativa y se analizaron los discursos de la actriz mediante el Análisis del Discurso de Orlandi (2020). De los discursos, notamos que su casting es un proceso de blanqueamiento de Cleopatra, ya que ella se ubica en los modelos de blancura. Además, ella tiene un alineamiento con la lógica del Liberalismo, favoreciendo el orden estructural hegemónico.

**Palabras clave:** Figura Histórica. Blanquitud. Carácter Liberal.

## A “NOVA” CLEÓPATRA ENTRA EM CENA

Este trabalho teve origem de um processo de questionamento acerca do contínuo embranquecimento da imagem de Cleópatra. A figura histórica (res)surgiu a partir da escalção da atriz israelense Gal Gadot para personificar um *novo*<sup>2</sup> projeto cinematográfico<sup>3</sup>. As problematizações apresentadas analisam a escalção e, ainda, refletem sobre o artigo Desorientar Cleópatra: um tropo moderno da identidade de Ella Shohat (2004) acerca das representações da faraó ao longo do século XX, o qual foi empregado como um dos referenciais deste texto.

No dia 11 de outubro de 2020, às 8h 35min, por meio da matéria ‘*Cleopatra*’ *Epic To Re-Team ‘Wonder Woman’s Gal Gadot & Patty Jenkins; Paramount Wins Wild Auction* [Épico ‘Cleópatra’ Reúne o Time Gal Gadot & Patty Jenkins de ‘Mulher-Maravilha’; Paramount Vence Feroz Disputa]<sup>4</sup>, de autoria de Mike Fleming Jr., no site da revista estadunidense *Deadline*, foi anunciado que *Hollywood* realizará uma nova produção cinematográfica sobre a figura histórica de Cleópatra.

Na matéria em questão também foi divulgada a distribuição do filme que será feita pela *Paramount Pictures*. Além disso, a produção ficará a cargo da *Atlas Entertainment* de

<sup>2</sup> Usamos, cuidadosamente, o adjetivo novo, porque nas discussões sobre cultura questiona-se o que, de fato, é novo e se a novidade é recente ou foi percebida, por nós, recentemente.

<sup>3</sup> A produção em questão ainda não possui um nome específico, somente está sendo tratada pelos veículos de informação e comunicação como “um novo filme sobre Cleópatra” ou “Cleópatra de Gal Gadot”.

<sup>4</sup> Todas as traduções presentes ao longo do artigo são de nossa autoria.

Charles Roven, bem como da Patty Jenkins e da Gal Gadot, por meio da sua companhia *Pilot Wave Motion Picture*, gerenciada por ela e seu marido, Jaron Varsano. Ademais, na produção executiva, a Laeta Kalogridis. Ela também será a responsável por escrever o roteiro sob a supervisão e modelamento de Gadot, Jenkins, Roven e Varsano.

Diante disso, os objetivos do nosso texto são: (i) Analisar se a escolha da Gal Gadot para interpretar Cleópatra recai no processo de embranquecimento da figura histórica; (ii) Investigar a formação ideológica, ou seja, as posições sócio-históricas e políticas que atribuem sentido aos discursos (ORLANDI, 2020) da Gal Gadot acerca da(s) história(s) e da(s) identidade(s) cultural(is) de Cleópatra e (iii) Refletir sobre o caráter liberal nos discursos da Gal Gadot acerca do *novo* filme que retratará a vida de Cleópatra.

## **ANÁLISE DO DISCURSO DE GAL GADOT SOBRE A “NOVA” CLEÓPATRA**

Focamos, a partir de agora, na escalção de Gadot para interpretar Cleópatra. A decisão gerou uma série de discussões sobre o embranquecimento da personagem histórica, as quais aparecem nos artigos jornalísticos citados ao longo do texto. Debates que, junto com a nossa leitura de Shohat (2004), suscitaram em nós a necessidade de escrever sobre a questão, mas também, debruçamo-nos acerca da(s) identidade(s) cultural(is) da figura histórica e do alinhamento da atriz com os ideais liberais.

Diante disso, os discursos de Gadot analisados no presente artigo foram, em primeiro lugar, o proclamado como resposta à questão do embranquecimento de Cleópatra, em 20 de dezembro de 2020, em entrevista concedida à Husam Sam Asi da *BBC Cinematic* da Arábia, a atriz explanou:

First of all if you want to be true to the facts then Cleopatra was Macedonian. We were looking for a Macedonian actress that could fit Cleopatra. She wasn't there, and I was very passionate about Cleopatra. To me as a people's lover and I have friends from across the globe, whether they're Muslim or Christian or Catholic or Atheist or Buddhist, or Jewish of course... People are people, and with me I want to celebrate the legacy of Cleopatra and honour this amazing historic icon that I

admire so much. But you know, anybody can make this movie and anybody can go ahead and do it. I'm very passionate that I'm going to do my own too (ASI, 2020, n.p).

E, em segundo lugar, a sua resposta à questão sobre a diferença de seu novo filme em relação ao que teve Elizabeth Taylor e Richard Burton como protagonistas. No dia 04 de janeiro de 2022, em entrevista à Laura Brown da *InStyle*, Gadot afirmou:

I can't reveal a lot, but I can tell you that we're going to celebrate the Cleopatra story. We're going to show not just how sexy and appealing she was, but how strategic and smart, and how much impact she had and still has on the world we're living in today. I've watched all the Cleopatra movies throughout history, but I feel like we're telling the story the world needs to hear now (BROWN, 2022, n.p).

Para tal, tanto o discurso proferido na entrevista ao canal *BBC* quanto o expresso à revista *InStyle* foram estudados por meio da Análise de Discurso de Orlandi (2020), a qual está dividida nas seguintes 3 (três) passagens: (i) Da superfície linguística para o texto (discurso), uma leitura inicial para entender o discurso (não) proferido; (ii) Do objeto discursivo para a formação discursiva, em que é compreendida a historicidade do discurso e (iii) Do processo discursivo para a formação ideológica, com o objetivo de compreender as ideologias que são apresentadas (in)conscientemente no discurso.

Neste ínterim, a pesquisa que desenvolvemos está inserida em uma abordagem qualitativa, já que não pretendemos fazer mensurações numéricas, mas sim, analisar criticamente o discurso de Gadot e os seus fundamentos em resposta ao processo de (não) embranquecimento da *nova* Cleópatra. Assim, de forma redundante, esta investigação tem início com a frase inicial da atriz, que afirma categoricamente: “First of all if you want to be true to the facts then Cleopatra was Macedonian (ASI, 2020, n.p).” [Em primeiro lugar, se você quer ser leal aos fatos, então Cleópatra era Macedônia.]

Primeiramente, é necessário entender que o embranquecimento é um processo de euro/branco-centrar as diversas narrativas histórico-culturais de povos étnicos e racialmente distantes da branquitude. Esta pode ser compreendida como o pertencimento étnico-racial do

branco, que ocupa o espaço mais elevado da hierarquia racial, simbólica e material, bem como possui o poder de categorizar as demais pessoas como não brancas, neste caso, como sendo inferiores (MÜLLER; CARDOSO, 2017). Em outras palavras, embranquecer é uma forma de eliminar a diferença.

Em segundo lugar, partindo para a análise do trecho supracitado, o que significa afirmar que Cleópatra era macedônia? Como discute Shohat (2004), é defini-la como branca e europeia. Contudo, como a autora mesmo questiona, isso recai em fazer uma escolha quanto ao referencial que debate a história de Cleópatra. Portanto, se por um lado, existe um discurso de (re)afirmação do poder hegemônico da branquitude, por outro, há uma oposição dialética contra a imposição euro e branco-centrada (SHOHAT, 2004).

Consequentemente, suscitamos que a decisão de Gadot foi em adotar textos como os de Jack Lindsay, Michael Grant e Margaret George, analisados por Shohat (2004). Utilizando as referidas literaturas, em que Cleópatra é tida como europeia e branca, a atriz pode afirmar que não está promovendo o embranquecimento da figura histórica, uma vez que é israelense, bem como judia, ou seja, perpassada por recortes étnico-raciais subalternizados.

Dessa forma, saindo da superfície do discurso e adentrando na formação discursiva de Gal, enfatizamos que “embora muitos textos reconheçam a impossibilidade de estabelecer plenamente [as origens de Cleópatra], a maioria dos autores continua a fazer afirmações fortes” (SHOHAT, 2004, p. 15). Para além dessa personagem da história, Cardoso (2004) relembra que a própria origem do Egito é conflituosa em termos étnico-raciais, já que estava localizado em uma região convergente entre o continente africano e asiático. A única coisa que não podemos negar é que o Egito está situado em África.

Ademais, quando Gal afirma que Cleópatra era macedônia, alinhando-se com o discurso de que a faraó era europeia e branca, ela faz uma escolha política moderna de situar

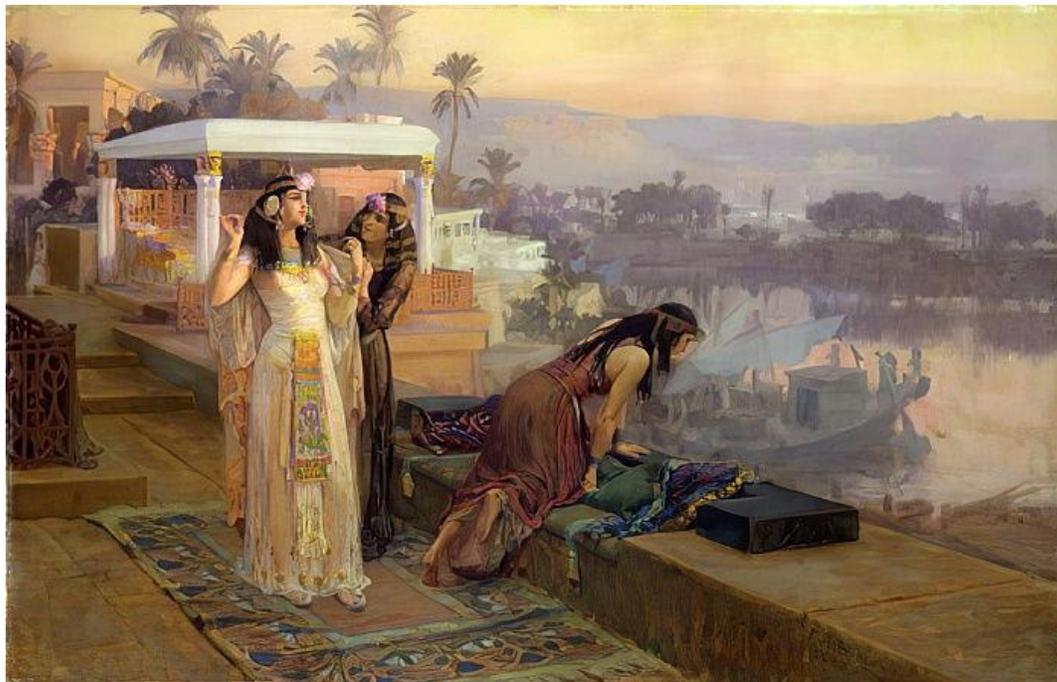
Cleópatra como uma óbvia representação do poder da branquitude. Um discurso<sup>5</sup> equivalente foi realizado pela roteirista do filme ao dizer que Cleópatra é “[...] the most famous Macedonian Greek woman in history.” [a mais famosa mulher greco-macedônia da história] em sua conta do Twitter, em 11 de outubro de 2020, quando o filme foi anunciado.

Para endossar o alinhamento de Gadot com a branquitude, analisamos a imagem compartilhada por ela na anúncio do filme em sua conta na rede social anteriormente citada. Na Figura 1, está sendo apresentada a representação em questão, que foi da pintura a óleo *Cleopatra on the Terraces of Philae*<sup>6</sup> [Cleópatra nos Terraços de Philae], de 1896, do estadunidense Frederick Arthur Bridgman, exposta na sessão Orientalismo do Museu de Arte Dahesh de Nova Iorque.

---

<sup>5</sup> O tweet está disponível em: <<https://twitter.com/LKalogridis/status/1315426753175785472>>. Acessado em: 16 de fevereiro de 2022.

<sup>6</sup> A ideia inicial seria apresentar uma captura de tela da publicação da atriz em sua conta no Twitter. No entanto, a resolução da imagem resultante da captura de tela não estava boa o suficiente para que a pessoa que fosse ler o artigo conseguisse analisar os pontos que apontamos no texto. Dessa forma, optamos por buscar por uma imagem em alta qualidade da obra em questão. Não obstante, o tweet pode ser encontrado na íntegra por meio do seguinte link: <<https://twitter.com/GalGadot/status/1315443922957729792?cxt=HHwWgIC83ejRssEkAAAA>>. Acessado em: 16 de fevereiro de 2022.



**Figura 1** – Cleopatra on the Terraces of Philae, pintura a óleo, 1896.  
Autoria: Frederick Arthur Bridgman. Fonte: Museu de Arte Dahesh<sup>7</sup>.

Na imagem, podemos ver que o pintor fez questão de produzir uma visão bastante ocidentalizada do Oriente, isso porque Cleópatra, iluminada e com vestes brancas, está representada com os fenótipos aclamados pela/para a branquitude como, pele branca e rosto com traços finos/delicados. Portanto, no momento que escolhe tal quadro como forma de representar a figura faraônica, Gadot reafirma o discurso com o qual se alinha, o de uma Cleópatra europeia e branca. Há, assim, uma ausência em seu discurso, que afasta a possibilidade da faraó ser negra ou multirracial/multiétnica.

A perspectiva discursiva adotada pela atriz contribui para a construção das memórias históricas de que o ideal de civilização e beleza está associado à branquitude e, ainda, associa

<sup>7</sup> Disponível em: <<http://www.daheshmuseum.org/>>. Acessado em: 16 de fevereiro de 2022.

o corpo branco à rede de memória daquilo que é instituído como normal, aceitável e correto. Como se indicasse, nas entrelinhas, que “a mais famosa mulher greco-macedônia da história” não pode ser negra ou estar, minimamente, vinculada à negritude (ALMEIDA, 2018; GOMES, 2002).

A pureza branco-europeia, tanto em questões raciais quanto étnicas, é uma reinvenção iluminista de uma Grécia que, ao longo da sua história, não foi constituída pelo intercâmbio com povos africanos, semitas, fenícios entre outros (SHOHAT, 2004). Por consequência, desenvolver a afirmação de que Cleópatra era macedônia como causa primordial de sua branquitude étnico-racial é uma ideia muito ingênua dos processos históricos de constituição de uma nação moderna ou está firmemente atrelado ao discurso hegemônico.

De acordo com que afirma Hall (2020), as identidades nacionais são criações modernas imagéticas, simbólicas e representacionais, assim como qualquer outra identidade, são construídas social e historicamente, logo, não devem ser lidas como algo primordial e/ou natural. Ademais, precisamos compreender que “uma cultura nacional é um *discurso* – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos” (HALL, 2020, p. 31). Ou seja, a cultura nacional é uma ferramenta de poder e a identidade “[...] está profundamente envolvida no processo de representação”, acomodando os sistemas da cultura em um processo altamente regulado que tende a unificar os sujeitos (HALL, 2020, p. 71).

E esse poder de construção da identidade nacional de Cleópatra, cujas representações mais fiéis que se têm são as de moedas com a face de uma mulher com nariz adunco, como pertencente à branquitude também está presente no seguinte trecho da fala de Gal: “We were looking for a Macedonian actress that could fit Cleopatra. She wasn't there, and I was very passionate about Cleopatra (ASI, 2020, n. p).” [Nós estávamos a procura por uma atriz que pudesse se ajustar à Cleópatra. Ela não estava lá e eu estava muito apaixonada por Cleópatra.]

Portanto, questionamos: Não havia uma atriz macedônia que se ajustasse à figura de qual Cleópatra? A de nariz adunco ou a branco-europeia? Percebemos que, ao justificar a inexistência de uma atriz macedônia, capaz de ser enquadrada nos seus moldes imagéticos de Cleópatra e, assim, ao se escolher para personificar a faraó, Gadot afirma que ela se ajusta à personagem histórica e, ainda, regula, de modo unilateral, a representação de mulheres macedônias. Em outras palavras, como já exaltado anteriormente, a atriz se põe nos moldes corpóreos aclamados pela/para a branquitude, mesmo sendo israelense e atravessada pelo Judaísmo.

Com isso, Gadot também reafirma os padrões de beleza impostos às mulheres através das representações das corporalidades da figura histórica em questão. Algo já trabalhado por Shohat (2004) quando afirma que o embate sobre a representação de Cleópatra também recai nos moldes de beleza, estando os da branquitude, de forma direta, relacionados com o Iluminismo e o Racismo Científico do século XIX. Todavia, talvez seja uma assertiva prematura quanto à crítica supracitada, visto que o filme nem foi lançado e a equipe central é composta por mulheres.

Vemos, neste momento, o que Hall (2020) intitulou de “jogo de identidades”, ou seja, ainda que Gadot seja judia e mulher, os valores da branquitude prevalecem em sua identidade cultural, uma vez que ela associa sua imagem à de Cleópatra. No entanto, cabe ressaltar que as identidades são ambivalentes e podem entrar em contradição. Logo, adotando a perspectiva diaspórica de Hall (2020), Gadot não é, ela está.

“Assim, em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento” (HALL, 2020, p. 39). Há sempre algo a ser preenchido, alterado, transformado, e, neste caso da atriz, o preenchimento da identidade pode estar associado à aceitação do público da Cleópatra branca, afinal os valores neoliberais podem sustentar as escolhas étnico/raciais dos/as personagens do filme. Referimo-nos à branquitude como terreno estável para o lucro e para o flerte com o poder.

O contexto do anúncio do filme é marcado pelo neoliberalismo, arriscamos afirmar que a indústria cinematográfica se movimenta em prol deste conjunto de valores e “acontecimentos discursivos”. Como característica, citamos a defesa do livre comércio, as parcerias entre público e privado e, sobretudo, o autoritarismo na unificação das representações das figuras históricas, as quais dificultam a confecção de outras proposições, pois endossam práticas e imagens que causam efeitos na subjetividade dos sujeitos associadas à face econômica do mundo (AVELINO, 2016, p. 246).

Não obstante, Gadot afirma que o filme irá desenvolver uma narrativa em que “We’re going to show not just how sexy and appealing she was, but how strategic and smart (BROWN, 2022, n. p) [...]” [Nós iremos mostrar não apenas o quão sexy e atraente ela era, mas quão estratégica e inteligente]. A questão é: Por que não evidenciar e ressaltar os atributos intelectuais, ignorando os atributos físicos? Aqui, pensamos que o filme pode perder seu caráter de inovador, uma vez que mostrará uma Cleópatra, como tantas outras já retratadas, por quem detém os poderes hegemônicos de produção cultural de *Hollywood*.

A sexualização das mulheres é uma prática cultural enraizada nos pressupostos de feminilidade criados pelo patriarcado. Destituí-la de seu suposto aspecto *sexy* é segmentá-la, estabelecer uma lacuna que o público pode sentir falta, um vazio que pode causar estranhamento e afastamento subjetivo diante da personagem. É como se perguntassem: como Cleópatra é apenas inteligente? O advérbio *apenas* marca uma convicção moral associada à beleza e à sexualização, cujas ausências podem comprometer a aceitação do filme (WOLF, 2018; CASTAÑEDA, 2006). A não aceitação da personagem pode, portanto, fissurar a hegemonia do pensamento neoliberal.

No entanto, é preciso lembrar que “a escolha de papéis dentro do sistema de astros e estrelas claramente envolvia [e ainda envolve] normas estéticas que louvavam [e continuam louvando] uma visão específica de beleza” (SHOHAT, 2004, p. 39). Visão esta, afirmamos, sendo a mesma retratada por Wolf (2018), com a criação de padrões de controle dos corpos

das mulheres, uma vez que cada geração enfrenta o mito da beleza da sua época. Ademais, ao se escolher, Gadot mais uma vez reforçará a ideia de que

produzida para atrair mulheres de diversas etnias, a imagem de Cleópatra era só um pouco mais escura que a pálida imagem feminina média que ilustrava muitos anúncios; mas nunca muito escura, e certamente nunca traíndo traços “não brancos”, por exemplo, um nariz adunco ou achatado (SHOHAT, 2004, p. 40).

As imagens criticadas por Shohat (2004) e por Wolf (2018) se assemelham à da pintura utilizada por Gadot para representar a figura de Cleópatra. Na referida pintura, vemos, o que Castañeda (2006, p. 81) articula como metamensagem, ou seja, aquilo que está nas entrelinhas, que requer mais atenção e reflexão porque pode passar despercebido ou, ainda, ancorar-se nas concepções hegemônicas de verdade. A metamensagem “[...] se compreende, ainda que não tenha sido dito explicitamente, e consiste em elementos intangíveis como gestos, tom de voz e postura corporal”. Para nós, o que pulsa imagetivamente na pintura veiculada por Gadot são os tons claros, das vestes, da pele, do cenário. A claridade é um atributo do modo como Gadot enxerga Cleópatra.

Desta forma, iniciamos os nossos direcionamentos para o último aspecto que proponhamos analisar no discurso de Gadot: o seu alinhamento com os ideais liberais. Como pode ser visto, o trecho a seguir traz, em seu cerne, a ideia de pessoa cosmopolita e alinhada com a pluralidade étnico-racial gentílica do modelo geopolítico atual, além de uma *ingenuidade* quanto aos problemas sociopolíticos e econômicos dos grupos localizados/postos fora da branquitude.

To me as a people’s lover and I have friends from across the globe, whether they're Muslim or Christian or Catholic or Atheist or Buddhist, or Jewish of course... People are people, and with me I want to celebrate the legacy of Cleopatra and honour this amazing historic icon that I admire so much (ASI, 2020, n. p). [Para mim, como alguém que ama pessoas e tem amigos ao redor do globo, quer eles sejam Mulçumano ou Cristão ou Católico ou Ateu ou Budista ou Judeu, de certo... Pessoas são pessoas e, para mim, eu quero celebrar o legado de Cleópatra e honrar esse maravilhoso ícone histórico que eu tanto admiro.]

Tal concepção *ingênua* ou *romântica* de sua fala pode ser compreendida de duas formas distintas conforme os escritos de Orlandi (2020): (i) Consciente, que a atriz se alinha com a ideologia liberal propositalmente ou (ii) Inconsciente, que o alinhamento é resultante dos processos estruturantes sociais, ou seja, ocorre involuntariamente. No entanto, em ambas as formas, Gadot está alinhada com o que é pregado pelo neoliberalismo, que governa as humanidades ao instalar noções de mercado nas artes, no cinema, na produção de artefatos da cultura, responsáveis por colocar em circulação discursos, práticas e identidades culturais.

Logo, como a diferença está, diretamente, associada à identidade cultural, refletimos que quando a atriz desconsidera as diferenças, exibindo a falácia da igualdade, justificando que “pessoas são pessoas”, ela invisibiliza, silencia e exclui desigualdades e identidades de grupos sociais que estão à margem, o que é uma demonstração precisa de poder, afinal ela reforça os processos de significação – que parecem desinteressados – mas colaboram com a manutenção do *status quo* (HALL, 2020; ALMEIDA, 2018).

Fato que está presente no final de sua fala, ao afirmar que: “But you know, anybody can make this movie and anybody can go ahead and do it. I'm very passionate that I'm going to do my own too (ASI, 2020, n. p).” [Mas, sabe, qualquer um pode fazer esse filme e qualquer um pode seguir em frente e fazê-lo. Eu estou muito apaixonada por fazer o meu também.] Com tal trecho, observamos a correlação com a ideia central do Liberalismo desenvolvida por Losurdo (2006) e Avelino (2016), uma demasiada *preocupação* com a liberdade do indivíduo.

Afinal de contas, afirmar que qualquer pessoa inserida no atual sistema político-econômico, o qual é caracterizado pela exploração da maioria da população mundial em favorecimento de 1% de sua parcela, tem os poderes materiais para desenvolver uma obra audiovisual é de uma falta total de formação sociopolítica e econômica ou, talvez, seja proposital, porque corrobora com o caráter homogeneizador defendido por ela. Assim,

parece-nos que Gadot não se importa com as identidades étnico-raciais de suas amigas, já que, contraditoriamente, reforça um discurso classista e alinhado à burguesia.

Ademais, a atriz reforça os processos meritocráticos dentro da indústria hollywoodiana capitaneada pelo capital burguês. Por conseguinte, afirmamos que a *preocupação* sobre a liberdade trabalhada por Losurdo (2006), perpassada pela noção de indivíduo como sujeito branco e burguês, também está presente na fala de Gadot que, conscientemente ou não, replica os dizeres daqueles que operam o capital do mundo e financiam a produção do seu *novo* filme sobre Cleópatra. Afinal, na concepção liberal, “a liberdade de que cada homem goza na situação de mercado leva à ilusão de que as realizações de cada um variam em razão direta de suas capacidades individuais” (SAFFIOTI, 1976, p. 11).

Por isso, também é necessário compreender os entrelaçamentos das opressões contra os grupos étnico-raciais marginalizados dentro das dinâmicas liberais. O liberalismo tem, como uma de suas bases, o processo de escravização, ou seja, ele se fundamenta na exploração das corporeidades, epistemologias e subjetividades das localidades que sofreram/sofrem com a colonização. Portanto, a branquitude não deve ser entendida fora das dinâmicas da sociedade de classes, uma vez que os seus representantes também constituem a burguesia do sistema Capitalista (LOSURDO, 2006).

Além do mais, ao relacionar a ideia do sujeito liberal branco, burguês e, (in)diretamente, androcêntrico, de Losurdo (2006), com a perspectiva de Saffioti (1976), sobre as condições das mulheres na sociedade de classe, nota-se que as questões de gênero não podem ser investigadas através dos vieses liberais/burgueses (LEITE, 2020). Visto que “[...] o machismo e o patriarcado da sociedade burguesa diferem de quaisquer outros porque se constituem estruturalmente a partir do valor – necessariamente androcêntrico” (LEITE, 2020, p. 9).

Dessa forma, para a autora, o machismo é parte fundante da estrutura do capitalismo, uma vez que o capital é masculino. No entanto, elucubramos que há mulheres que se beneficiam da lógica neoliberal por conta do pertencimento às categorias hegemônicas de raça/etnia, localização, geração e sexualidade, o que, parcialmente, é o caso de Gadot. Ainda que nas relações de gênero, a atriz possa ser alvo de descon siderações e estigmas, ela usufrui de benefícios advindos das categorias como a heterossexualidade.

Portanto, quando a atriz suscita seus discursos acerca do filme, ela fortalece uma rede hegemônica de poder, que fundamenta as estruturas emaranhadas da branquitude, do patriarcado e do capitalismo. Em outras palavras, a atriz reafirma as opressões e as explorações contra identidades culturais marginalizadas, aqui enfocadas em pessoas fora do ideal branco e do gênero feminino, promovendo, assim, a permanência do modelo que trata a diferença como dominação.

## **UMA “NOVA” CLEÓPATRA OU UMA NOVA REPRESENTAÇÃO DA VELHA CLEÓPATRA?**

Para finalizar, trazemos considerações diretas quanto aos objetivos deste texto. Assim, primeiro, a escolha da Gal Gadot para interpretar Cleópatra, para nós, recai no processo de embranquecimento da figura histórica, uma vez que a atriz faz questão de se localizar nos modelos corpóreos aclamados pela/para a branquitude, apesar de ser israelense e judia. A questão é que, ao longo dos discursos analisados, Gadot apresenta uma visão de si dentro dos ideais euro-brancocentrados impostos à imagem da faraó.

Em segundo lugar, a formação ideológica de Gadot está voltada para os ideais europeus, androcêntricos e brancos dos processos históricos sobre a vida de Cleópatra. Ainda que tenhamos verificado a ambivalência identitária da atriz, neste âmbito da escalação do filme, o que se sobressai são os flertes com o poder articulados por Gadot. Por último, acentua a perpetuação dos moldes hegemônicos estruturais tanto por sua escalação representar o

embranquecimento da personagem, quanto por se alinhar com os ideais do liberalismo em seu discurso. Dessa forma, agora, é uma questão de esperar o filme ser lançado e analisar se haverá, realmente, outras representações de uma *nova* Cleópatra de fato.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio L. **O que é racismo estrutural?**. Belo Horizonte: Letramento, 2018.

AVELINO, Nildo. Foucault e a racionalidade (neo)liberal. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 2, p. 227-284, dez., 2016. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/kKNBtT4w5565CjN37BtNm8q/abstract/?lang=pt>>. Acessado em: 07 de abril de 2022.

ASI, Husam Sam. Gal Gadot – From Wonder Woman to Cleopatra. YouTube, 20 dez. 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rrTOeLNQnZs>>. Acessado em: 17 de fevereiro de 2022.

BROWN, Laura. Going there with Gal Gadot: our February cover star talks childbirth, the Israeli army, and, yes, “Imagine”. **InStyle**, 04 jan. 2022. Celebrity. Disponível em: <<https://www.instyle.com/celebrity/gal-gadot/february-2022-cover>>. Acessado em: 17 de fevereiro 2022.

CARDOSO, Ciro Flamarion Santana. **O Egito Antigo**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

CASTAÑEDA, Marina. **O machismo invisível**. São Paulo: A Girafa, 2006.

FLEMING, Mike Jr. ‘Cleopatra’ Epic To Re-Team ‘Wonder Woman’s Gal Gadot & Patty Jenkins; Paramount Wins Wild Auction. **Deadline**, 11 out. 2020. Film. Disponível em: <<https://deadline.com/2020/10/cleopatra-gal-gadot-patty-jenkins-movie-deal-paramount-pictures-wonder-woman-reteam-laeta-kalogridis-writing-1234595246/>>. Acessado em: 17 de fevereiro de 2022.

GOMES, Nilma Lino. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural?. **Rev. Bras. Educ.**, 2002, n. 21, p. 40-51. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/D7N3t6rSxDjmrXrHf5nTC7r/abstract/?lang=pt>>. Acessado em: 17 de fevereiro de 2022.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2020.

LEITE, Taylisi de Souza Corrêa. **Crítica ao Feminismo Liberal**: Valor-clivagem e marxismo feminista. 1. ed. São Paulo: Editora Contracorrente, 2020.

LOSURDO, Domenico. **Contra-História do Liberalismo**. Tradução de Giovanni Semeraro. 2. ed. Aparecida – SP: Idéias & Letras, 2006.

MÜLLER, Tânia Mara Pedroso; CARDOSO, Lourenço (org.). **Branquitude**: estudos sobre a identidade branca no Brasil. 1. ed. Curitiba: Appris, 2017.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 13. ed. Campinas – SP: Pontes, 2020.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **A mulher na sociedade de classes**: mito e realidade. 1. ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 1976.

SHOHAT, Ella. Des-orientar Cleópatra: um tropo moderno da identidade. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 23, p. 11-54, jul./dez., 2004. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/cpa/a/RWvVn8vqksyF8FDcVxp7WRc/abstract/?lang=pt>>. Acessado em: 17 de fevereiro de 2022.

WOLF, Naomi. **O Mito da Beleza**: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Tradução de Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

## COMO CITAR ESTE ARTIGO

SANTOS, Elisson Lima; ACCORSI, Fernanda Amorim. Gal Gadot sobre a “nova” Cleópatra: embranquecimento, identidades culturais e liberalismo. **Revista Culturas Midiáticas**, João Pessoa, v. 16, pp. 110-126, 2022. DOI: <https://doi.org/10.22478/ufpb.2763-9398.2022v16n.62276>.